

“ATIVISMO CUPIM”: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ATIVISMO FEMINISTA DE CATÓLICAS E EVANGÉLICAS NAS REDES SOCIAIS.

Ruane Cláudia Queiroz Silva

*Mestranda do curso de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira da
Universidade Federal do Amapá-UNIFAP, ruanequeiroz@outlook.com.*

Resumo

Nos últimos anos, o ativismo feminista ganhou destaque na grande mídia, este também se desenvolve nas mídias digitais, espaço onde as mulheres falam sobre as injustiças baseadas em gênero. O presente artigo tem o objetivo de analisar a atuação de movimentos feministas compostos por mulheres de religião cristã, que por meio das redes sociais (Facebook e Instagram), buscam promover debates com temas excluídos dos espaços religiosos. O artigo baseia-se na abordagem qualitativa para análise do fenômeno, através da técnica de pesquisa bibliográfica, como também da análise de conteúdo das mídias em estudo. Conclui-se que as redes sociais e demais tecnologias da comunicação são um dos principais instrumentos de propagação das perspectivas feministas cristãs, essas mulheres não rompem com a religião, mas tentam corroer a estrutura religiosa patriarcal por dentro, com a finalidade de provocar mudanças nessa estrutura. Através do ativismo digital, esses movimentos de mulheres estão crescendo e fortalecendo a luta em prol da liberdade feminina nos espaços religiosos, sociais e políticos.

Palavras-chave: Feminismo, Cristianismo, Ativismo Digital.

Introdução

No grande movimento ativista *online* por parte das feministas, emerge um grupo de mulheres que também lutam pelas causas feministas, mas dentro de um contexto diferenciado e incomum, tratam-se de mulheres cristãs que questionam dogmas e doutrinas impostos pela religião, seja ela católica ou evangélica. Não se questiona a fé, mas propõe-se a desconstrução de conceitos da organização social da igreja, bem como padrões de relacionamento homem/mulher que se apoiando na doutrina bíblica da submissão feminina, acabam tornando o corpo e comportamento da mulher domínios do homem.

As cristãs feministas se reúnem em grupos pelas redes sociais, promovem debates, escrevem livros e analisam estatísticas de violência contra a mulher para reforçar a tese da importância da participação do movimento religioso na conquista do respeito às mulheres e no tratamento igualitário entre os gêneros.

O objetivo do artigo é analisar a atuação de movimentos feministas compostos por mulheres de religiões cristãs, que por meio das mídias digitais (Facebook e Instagram), buscam promover debates com temas excluídos dos espaços religiosos. Busca-se analisar primeiramente o impacto do feminismo nas religiões cristãs; traçar o perfil dessas mulheres, suas experiências e convicções; e discutir sobre as principais pautas debatidas pelas mesmas.

Tem-se como questão norteadora: de que forma o feminismo tem causado impacto na vida das mulheres de religiões cristãs a ponto de provocar mudanças nas práticas religiosas dessas mulheres e o desenvolvimento de um novo.

Metodologia

O avanço e evolução das mídias eletrônicas acarretou mudanças no processo de produção do conhecimento humano, com isso, o artigo baseia-se na abordagem qualitativa para análise dos conteúdos disponibilizados nas redes sociais (Facebook e Instagram) referentes ao objeto de estudo, os quais foram analisados. (BARDIN, 2016; KOZINETTS, 2014).

A partir de estudos sobre etnografia e antropologia virtual (SEGATA, 2016; MILLER 2004; KOZINETS, 2014), nota-se que o uso das tecnologias de comunicação às pesquisas em contextos digitais, se mostrou uma excelente ferramenta e aliada na forma de fazer etnografia. Teve-se no presente trabalho a netnografia como aliada no processo de pesquisa, realizando-se assim uma pesquisa observacional participante, baseada em trabalho de campo *online*.

Os conteúdos analisados estão publicados no Facebook e Instagram de páginas cujo objetivo é fortalecer e articular iniciativas de mulheres cristãs que visem seu empoderamento através de alianças, trocas e ações pela igualdade nas áreas de fé e sociedade civil, dentre as quais estão “Evangélicas pela igualdade de gênero” e “Católicas pelo direito de decidir”.

A pesquisa desenvolve-se, ainda, através de revisão bibliográfica que embasa a fundamentação teórica referente ao tema, através de livros, artigos científicos, dissertações, e teses, para aprofundar os conceitos importantes à análise, tais como: feminismo, cristianismo e ativismo digital.

Referencial teórico

Segundo Tomita (2010), desde o final dos anos 80, a metodologia da Teologia da Libertação de teologizar a partir da práxis histórica e fazendo uma opção pelos pobres, tem inspirado várias teólogas do hemisfério norte, como Elisabeth Schüssler Fiorezan, Mary Hunt e muitas outras, com uma novidade: elas utilizam também o método da desconstrução das ideologias patriarcais. Este método mostra que a maioria dos ensinamentos cristãos foram baseados em uma perspectiva patriarcal, onde os homens têm todo o poder e às mulheres restava ocupar o segundo ou o terceiro lugar nas igrejas e no lar. Assim, segundo a autora, foi imposta a ideia da masculinidade de Deus, subjacente aos ensinamentos doutrinários, a filiação divina única de Jesus, um varão, o conceito de masculinidade presente nas três pessoas da Trindade Divina, a ideia da virgindade de Maria de Nazaré e várias outras ideologias sexistas. O método da desconstrução dos dogmas doutrinários foi o primeiro grande passo utilizado pelas teólogas feministas para revelar as estruturas patriarcais sexistas das religiões cristãs no ocidente.

A categoria de gênero mudou as produções teológicas, trazendo uma nova abordagem epistemológica e metodológica. Para Tomita (2010), a perspectiva de gênero se constituiu num instrumental feminista que revelou não apenas as estruturas sexistas das instituições contemporâneas como também mostrou como as tradições religiosas cristãs teriam sido formadas no bojo do patriarcado romano, marginalizando as mulheres dos espaços de poder nas igrejas, impedindo-as de receber a ordenação sacerdotal assim como quaisquer cargos significativos na hierarquia eclesial.

A análise de gênero questiona a própria estrutura do pensamento teológico e provoca uma mudança significativa nessa estrutura. Gênero, portanto, não é só uma mediação hermenêutica, é também uma mediação epistemológica. Faz perceber que a teologia é masculina não só porque foi sempre produzida por homens, mas porque se desenvolveu numa cultura na qual o masculino era o normativo, e porque se serviu de um conhecimento filosófico produzido dessa forma. Por isso o discurso teológico 'universal' é androcêntrico. Muitas afirmações apresentadas como sendo do 'humano', na realidade, referem-se à experiência e à percepção masculina. (BRUNELLI, 2000, P.216).

Na teologia feminista o foco principal é o estudo de como as mulheres se relacionam com o divino e o mundo ao seu redor, como criações iguais à imagem de Deus. É uma grande conversa envolvendo mulheres e homens de todas as denominações cristãs compartilhando seus pensamentos sobre tudo, desde dissertações acadêmicas a *blogs*, redes sociais e livros populares. Embora a conversa contenha muitos pontos de vista diversos, também existem algumas crenças importantes que a maioria das teólogas feministas compartilham.

Minha tese é que a teologia feminista introduz uma ruptura nas maneiras de pensar o mundo e de acolher a herança cristã. Essa ruptura significa a acolhida das mulheres na pluralidade de suas identidades, assim como de outros grupos marginalizados no direito de viver e reinterpretar a tradição cristã de outra maneira. [...] Cada movimento social desvela uma forma de injustiça e amplia a tenda de uma tradição religiosa, desafiando-a a se repensar, a retomar e a modificar conteúdos e contornos de sua tradição.

Esse o desafio contemporâneo do feminismo para a teologia cristã e que justifica a existência de uma teologia feminista plural com a provisoriedade inerente a qualquer proposta de pensamento. Trata-se de avaliar se os espaços disponíveis na sociedade atual e especialmente nas comunidades confessionais católicas e em outras são abertos e suficientes para acolher essa “boa nova”. (GEBARA, 2017, p. 37).

Teólogas feministas acreditam que importa quem está fazendo teologia. Não existe nada como pensar em Deus no vácuo; em outras palavras, os teólogos do sexo masculino trazem sua experiência de gênero quando falam sobre Deus, e o mesmo fazem as teólogas. Ao se envolver com a religião, importa como é o corpo de alguém, como é a experiência deles e como eles foram incluídos ou excluídos da igreja. A ênfase das feministas cristãs na experiência e no contexto as leva a olhar para textos bíblicos, cultos e até devoção pessoal da perspectiva de quem está incluído e quem está excluído. O objetivo é moldar a tradição cristã de maneira que valorizem ambos os sexos e curem os danos que foram causados às mulheres em nome do cristianismo.

Tem crescido nas redes sociais, um movimento de mulheres que alia o feminismo a fé cristã, elas debatem temas como: descriminalização do aborto através da defesa dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher; ascensão feminina a cargos eclesiais até então restrito aos homens, liberdade sexual feminina, entre outros.

Essas mulheres criam laços e organizam-se em comunidades virtuais através da criação de páginas e grupos. De acordo com Kozinets (2014), os vínculos dos membros de comunidades virtuais podem incluir o compartilhamento de fotos, *links* de *blog*, adicionarem-se como amigos em *website* de rede social, avisar um ao outro sobre um programa ou notícia interessante. As comunidades online são capazes de criar vínculos fortes o suficiente entre estranhos para que eles se envolvam em algo.

Para as feministas cristãs que se articulam através do ativismo online, há uma necessidade de transformação cultural nos espaços religiosos e demais espaços sociais, considerados pelas mesmas como sexistas e subordinadores. Para Fraser (2007, p. 296), “o projeto de transformação cultural foi parte integrante de todas as fases do feminismo, incluindo a fase dos novos movimentos sociais”.

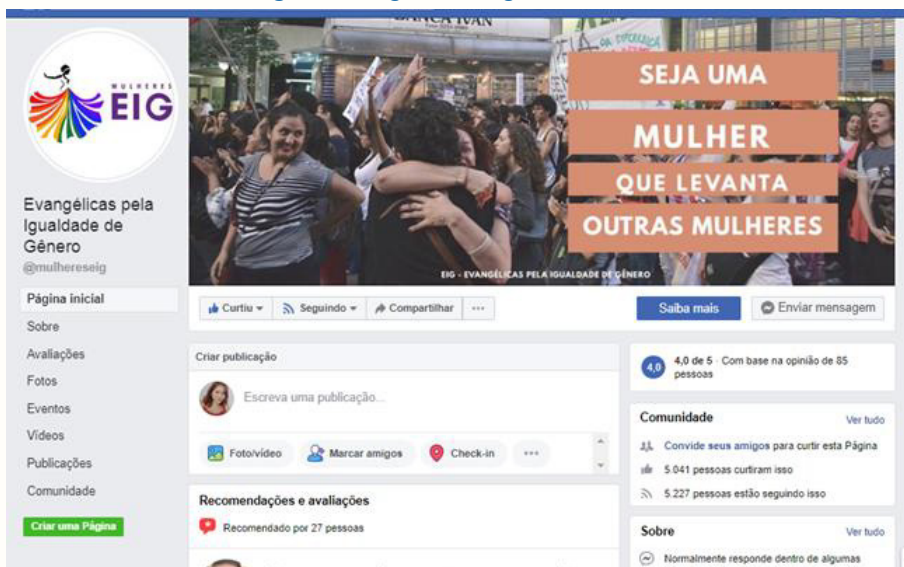
Segundo reportagem do site Uol (2019), as teólogas feministas estão nas universidades, em movimentos sociais e em grupos de discussão nas redes sociais. Mas são marginalizadas pelas igrejas e também sofrem represálias. Como é o caso da freira Ivone Gebara, punida pelo Vaticano em 1995 por defender a legalização e descriminalização do aborto em uma entrevista à revista Veja. Ela viveu dois anos reclusa na Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica, onde concluiu seu doutorado em Ciências Religiosas. Atualmente, a freira da Congregação Irmãs de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho não possui nenhuma relação com o Vaticano, e sim com as pessoas com quem convive, especialmente mulheres.

Ao ler as literaturas que tratam de feminismo e cristianismo vê-se que há uma certa dificuldade em aliar o estudo de ambos, dos dois lados há a defesa de que são movimentos impossíveis de convergir. Segundo Rodrigues (1979), na mente dos indivíduos há duas modalidades de ser no mundo, tudo que é objeto de interdição é sagrado, ao passo que o profano é aquilo a que estas interdições se aplicam. O sagrado e o profano são completamente opositivos e diferentes, o ser sagrado é o ser proibido que não pode ser violado, está protegido de contato pelas interdições que o protegem do profano. Ainda segundo o autor, por trás desses ritos de separação, figuram crenças sobre os perigos de se cruzar as fronteiras que transformam o sagrado em objeto de respeito e temor.

Resultados e discussão

O “Evangélicas pela Igualdade de Gênero (eig)” destaca em sua página no Facebook que está nas redes sociais para potencializar a luta feminista. Denominam-se ativistas digitais. Nas redes sociais articulam o feminismo que também levam para as ruas. O propósito das suas atuações nas redes é “compartilhar ações de redução das desigualdades entre homens e mulheres no espaço religioso, porém, com resultados na esfera da família, do trabalho e da sociedade na totalidade”.

Figura 1: Página do Eig no Facebook



Fonte: Facebook, 2019, *online*.

O EIG busca em suas publicações combater os diversos tipos de violência de gênero, um exemplo é a adesão a Campanha anual e internacional “Os 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres”. No Brasil, a mobilização abrange o período de 20 de novembro a 10 de dezembro de 2019 e foi iniciada por ativistas no Instituto de Liderança Global das Mulheres, em 1991, e continua a ser coordenada anualmente pelo Centro para Liderança Global das Mulheres. É uma estratégia de mobilização de indivíduos e organizações, em todo o mundo, para engajamento na prevenção e na eliminação da violência contra as mulheres e meninas. Em apoio a esta iniciativa a EIG faz lives, roda de conversa e publicações diárias que tratam dos mais diversos temas relacionados à violência de gênero, tais como: violência de gênero e a mulher negra, desigualdade de gênero no mercado de trabalho e no trabalho não remunerado, cultura do estupro, violência doméstica, assédio sexual no trabalho, entre outros.

O EIG realiza também encontros de mulheres em igrejas e transmite ao vivo no Facebook através de Lives, é realizado um culto e a pluralidade de mulheres no ambiente religioso de faz notável. Na foto abaixo pode-se perceber bandeiras e símbolos de movimentos que tradicionalmente não tem voz e espaço nas igrejas evangélicas,

como a bandeira do movimento LGBT; do movimento feminista Vozes Marias; símbolo do movimento Feminista; ao fundo é possível visualizar um cartaz com a foto de Marielle Franco, símbolo de luta em defesa das minorias; a intenção, segundo o EIG é proporcionar um cenário acolhedor, com a cara das mulheres brasileiras.

Católicas pelo Direito de Decidir é uma organização não governamental feminista que atua no Brasil desde 1993. Trabalham por justiça social, buscando o diálogo inter-religioso e a mudança dos padrões culturais e religiosos que cerceiam a autonomia e a liberdade das mulheres, especialmente no exercício da sexualidade e da reprodução. Também trabalham pelo fim da violência contra as mulheres, por uma cultura de paz e de igualdade de gênero. Sua página no Facebook é especial para se poder trocar conteúdos sobre o trabalho desenvolvido pela Ong, a atuação de outras organizações e coletivos parceiros, além de permitir a troca de informação, ideias e experiências com pessoas no Brasil e no mundo. É ressaltado em sua página no Facebook que a Católica defende a democracia, os direitos humanos e o direito que cada pessoa tem que defender suas ideias, mesmo que diferentes das dela.

Figura 2: Página do Católicas pelo Direito de Decidir no Facebook



Fonte: Facebook, 2019, *online*.

O grupo é formado por católicas que defendem os direitos reprodutivos e sexuais das mulheres, questionam os dogmas da igreja a partir da teologia feminista e, principalmente, acolhem outras mulheres. Um dos temas defendidos pelo movimento é a legalização do aborto.

O estado criminaliza a mulher que aborta e a igreja a condena. Estas mulheres não encontram apoio na igreja. O máximo que obtêm é um perdão de um padre numa confissão. Mas a culpa de cometer um pecado as acompanham ao longo da vida. Ser pecadora para uma mulher de fé é muito grave. Isso significa que ela está desligada de Deus. Nós dizemos que não houve pecado. O último recurso para tomar uma decisão dolorosa como essa é a sua própria consciência. (Site Uol, 2019).

A ONG é formada por católicas que defendem os direitos reprodutivos e sexuais das mulheres, questionam os dogmas da igreja a partir da teologia feminista e, principalmente, acolhem outras mulheres. Um dos temas defendidos pelo movimento é a legalização do aborto. A Católicas pelo direito de Decidir afirma que “em um cenário de aprofundamento dos ataques contra os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, precisamos refletir e organizar nossa luta e nossa resistência pelo direito ao aborto legal e seguro”. A imagem abaixo foi publicada no Facebook da ONG, trata-se de uma discussão realizada na sede da organização, e transmitida ao vivo no Facebook.

Para divulgar pensamentos cristãos que questionam as interdições da moral sexual comumente propagadas pelas igrejas, a organização Católicas pelo Direito de Decidir lançou, no mês de agosto de 2019, o livro “Teologias Fora do Armário”. A publicação reúne artigos que apresentam pensamentos teológicos contra hegemônicos construídos em torno das questões de gênero e sexualidade, como a teologia *queer* e o pensamento de teólogas lésbicas. A obra também reflete sobre como o discurso religioso hegemônico muitas vezes legitima a violência contra as mulheres e pessoas LGBTQI+ dentro e fora das igrejas, e está gratuitamente disponível para *download* nas redes sociais da Organização.

Esses posicionamentos fazem com que a organização sofra ataques e represálias de dentro da igreja. Segundo entrevista com a ativista da Organização, Tabata Tesser:

A gente é, sim, ameaçada e perseguida pela própria hierarquia da Igreja, mas também por setores minoritários – eu fico pensando em grupos que ultimamente têm defendido terraplanismo e que as mulheres voltam para a fogueira. Já ouvimos coisas horrorosas, tipo: “saudades da Inquisição”. É uma maneira duríssima de dizer que é preciso silenciar os corpos das mulheres que falam disso. Agora, ser chamada de herege, por exemplo, não nos ofende, porque o movimento herético foi importante para a Igreja. Se algo acontece por muito tempo sem nenhum conflito, ali tem um problema. A Igreja é um espaço de discussões múltiplas. (CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR, 2019).

A diversidade ocupa o seu lugar nas igrejas, quando se pensa no discurso hegemônico da igreja católica e das igrejas evangélicas, que condenam historicamente a homossexualidade, a diversidade, a liberdade sexual, aborto, parece impossível que isso venha acontecendo. No entanto, ganham cada vez mais espaço outras leituras da Bíblia, que pregam o acolhimento e o respeito às diversas orientações sexuais, identidades de gênero e o repúdio ao sexismo e violências de gênero.

As feministas cristãs, principalmente através das redes sociais, têm buscado transformar os espaços religiosos, sociais e políticos. Ao analisar esse fenômeno, pode-se notar que as mulheres desses movimentos simulam, subvertem e criam formas de desobediência aos dogmas e estruturas opressoras. Não se pode mais pensar que as mulheres não se “mobilizam”, que são apenas vítimas ingênuas de determinada religião, pois muitas têm buscado criar e recriar a sua relação de fé, com o divino e o religioso de forma muito autônoma e criativa.

O protagonismo dessas mulheres, implica no ato de assumir responsabilidade pela sua própria trajetória espiritual e de fé. Através desse ativismo as mesmas têm trazido para os espaços religiosos outras leituras da Bíblia, que pregam o acolhimento e o respeito às diversas orientações sexuais, identidades de gênero e o repúdio ao sexismo e violências de gênero.

Muitos podem ser perguntar porque essas mulheres simplesmente não rompem com a religião. Esse questionamento remete ao termo “Ativismo Cupim” de Florynce Kennedy, que traz a ideia de

corroer as estruturas por dentro, dessa forma, pode-se dizer que essas mulheres não rompem com a religião, mas tentam corroer a estrutura religiosa patriarcal por dentro, de modo a provocar mudanças nessa estrutura.

Considerações finais

As redes sociais e demais tecnologias da comunicação tem sido um dos principais instrumentos de propagação das perspectivas feministas cristãs. Assuntos considerados tabus e não discutidos dentro da igreja tem ganhado cada vez mais espaço dentro e fora das igrejas cristãs, isso se deve ao ativismo e trabalho realizado por esse novo movimento de mulheres denominadas feministas cristãs, suas palestras, rodas de conversas, produção bibliográfica, marchas, protestos, têm chegado a um grande número de mulheres no Brasil e no mundo através das redes sociais, todo o trabalho que esses movimentos produzem é publicado no Facebook e com isso o mesmo tem chegado a mulheres que não podem estar presencialmente nessas ações. A rede social é também o principal instrumento que muitas mulheres têm o seu primeiro contato com as ideias propagadas pelas feministas cristãs.

Referências

Católicas pelo direito de decidir. **Sobre a Organização**. Macapá, 20 de outubro de 2019. Facebook: usuário do Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/catolicasdireitodecidir/about/?ref=page_internal.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições, 2016.

BRUNELLI, Delir. Teologia e Gênero In Suzin, Luiz Carlos (org): Sarça Ardente - Teologia na América Latina: Prospectivas, p. 209-221. São Paulo: Paulinas, 2000.

Evangélicas pela igualdade de gênero. **Sobre a organização**. Macapá, 20 de outubro de 2019. Facebook: usuário do Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/mulhereseig/?epa=SEARCH_BOX

FRASER, Nancy. **Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação.** Estudos feministas, v. 15, n. 2, p. 291, 2007.

GEBARA, Ivone. **Mudanças no cristianismo a partir de uma teologia feminista.** In: Entre dogmas e direitos: Religião e Sexualidade. 1º ed. Maxprint: 2017.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia [recurso eletrônico]: realizando pesquisa etnográfica online.** Tradução: Daniel Bueno; Porto Alegre: Penso, 2014.

RODRIGUES, José Carlos. **O Tabu do Corpo.** 1975. 174 p. Tese (Mest.) - UFRJ. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda.

SITE UOL. **Feminismo cristão: católicas e evangélicas querem descriminalizar o aborto.** Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/10/28/feminismo-cristao-catolicas-e-evangelicas-querem-descriminalizar-o-aborto.htm?fbclid=IwAR1BGndzpiJCicVDLLSLORUUsT8Q9sKoDOoPmZqFW-nlVeakLla wyT8NW1Qs>

TOMITA, Luiza Etsuko. **Teologia Feminista Libertadora: deslocamentos epistemológicos.** Fazendo Gênero: 2010.